

Leonel Franca: As raízes da crise do mundo moderno

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

Leonel Franca é natural de São Gabriel, Rio Grande do Sul. Franca nasceu no ano de 1893. Estudou em colégio alemão e, aos treze anos, matriculou-se no *Colégio Jesuíta de Nova Friburgo*. Em 1908 ingressou na *Companhia de Jesus*. Ordenado sacerdote em 1923, doutorou-se em Filosofia e Teologia pela *Gregoriana de Roma*. Lecionou no *Colégio de Filosofia em Friburgo* (Estado do Rio), tendo sido também vice-reitor do *Colégio Santo Inácio* e um dos fundadores da *PUC do Rio de Janeiro*. Franca foi, sem nenhum favor, um dos maiores intelectuais brasileiros de todos os tempos. Houvesse nascido na Europa ou não tivesse a morte posto um fim aos seus projetos, não precisaria tirar o chapéu para nenhum dos seus coetâneos. Franca morreu em setembro de 1948. É consenso entre todos os que desfrutaram da sua amável convivência, ter ele morrido em estado de santidade.

Entre as suas obras mais significativas estão: *Noções de História da Filosofia* (apesar do estilo um tanto envelhecido e de uma bibliografia que precisaria ser atualizada, continua sendo a mais bem-sucedida tentativa, por parte de um autor brasileiro, de compendiar a história da filosofia); *Psicologia da Fé* (uma pérola filosófica e teológica); *O Problema de Deus* (Coleção de textos que, agrupados, acabaram por se tornar uma obra de Teodiceia que em nada fica a dever às demais obras do gênero e que se destaca tanto pela penetração metafísica quanto pela metodologia adotada e, finalmente, pela profunda pesquisa das fontes); *A Crise do Mundo Moderno* (na apreciação de Lima Vaz, trata-se de um marco na literatura filosófica brasileira, por ser o melhor tratado de *Filosofia da Cultura* já publicado no Brasil).

Neste artigo tentaremos mostrar como, na percepção de Franca, o homem compreende em si dois mundos: o da *matéria*, pelo seu *corpo*, e o do *espírito*, pela sua *alma racional*. Se pelo seu corpo ele se encontra imerso na matéria, pelo seu espírito, ele emerge das

determinações materiais, sobrepondo-se a elas com o fito de dominá-las e subjugar-las ao fim que lhe apraz. Assim, trabalharemos com esmero para mostrarmos que, em Franca, o que distingue o homem enquanto tal é a *vida no espírito*. É esta vida, à qual ele se abre pela *educação*, que o torna sociável, pois onde impera a matéria não há verdadeira sinergia de interesses, ao menos se a pensamos sob o signo da *liberdade*. Esforçar-nos-emos, ademais, para tornar patente que é pela vida no espírito que o homem produz *cultura*, compreendida como toda obra humana que sobrepuje ao mundo natural. De fato, Franca entende por cultura o cultivo da vida no espírito. Após coligirmos as principais manifestações da cultura humana, arrazoaremos sobre a missão precípua do *estado* que consiste em, através do *direito*, preservar, fomentar e proteger a cultura de um *povo*, que é o *conjunto* de homens que habitam um mesmo *espaço geográfico* e que se tornam uma *nação*, isto é, forma uma *unidade cultural*, exatamente quando sabem *preservar* e *transmitir* aos pósteros, através de uma *unidade política* bem organizada, a qual denominamos precisamente *estado*, o *depósito cultural* que lhe foi legado pelas gerações passadas, *depósito* que Franca designa *tradição*. Velar pela cultura, ressaltará Franca, integra o sentimento pátrio, que é o amor pelo solo que gerou nossos pais, que nos gerou e onde nossos filhos viverão, os seus costumes e tradições. Por fim, arrolaremos os principais fatores que, na perspectiva do nosso filósofo, contribuíram para desencadear a *crise do mundo moderno*, que ele mesmo entende ser uma crise cultural. Dentre estes fatores, Leonel destaca o *subjetivismo* da *filosofia moderna* e, mormente, o *irracionalismo* oriundo da *teologia reformada*.

Servirá de referencial teórico à nossa abordagem, a obra *A Crise do Mundo Moderno*, na sua segunda edição pela *Livraria José Olympio*, que data do ano 1942.

Passemos à análise das relações entre cultura e civilização.

1. Cultura e civilização

O homem compreende em si dois mundos que não são separados, mas distintos: o da *matéria* e o do *espírito*. Pela matéria, estamos imersos no mundo físico, sofrendo todas as consequências da sua influência imperiosa. Pelo espírito, conseguimos dominar e controlar as influências que os fenômenos naturais tendem a exercer sobre nós. Se, pela matéria – no do

homem, o corpo – *imersimos* no mundo físico, pela venturosa presença do espírito em nossa natureza, dele (do mundo físico) *emergimos*.¹

Pelo corpo, prendemo-nos ao *natural*, mas pela liberdade que nos é oferecida pelo espírito, abrimo-nos ao *cultural*. Agora bem, as duas predicções – natural e cultural – procedentes da própria *natureza humana*, são também as categorias constitutivas de toda *civilização*.² É pelo conhecimento abstrativo da realidade – fruto da vida espiritual – que o homem conhece o mundo que o rodeia e consegue colocá-lo sob o seu *domínio*. Fruto da vida espiritual também é a *sociabilidade*, que integra os homens num único *eu*. Com efeito, no mundo da pura matéria não existe verdadeira *sociabilidade*, nem uma real supremacia. Sendo assim os dois elementos distintivos da espécie humana são: o *domínio* sobre as coisas que nos rodeiam e a *sociabilidade*, sendo que ambas são frutos do *conhecimento espiritual*.

Ora bem, este duplo esforço de dominar a natureza material que o rodeia – conhecendo-lhe os fenômenos e decodificando as leis – e travar relações de comunicabilidade e mútua ajuda com os seus semelhantes, constituem o núcleo do complexo conceito de *civilização*:

Toda civilização é filha da inteligência que conhece o mundo da matéria e procura utilizá-lo; que conhece o mundo de outras inteligências e esforça-se por entrar com ele em relações de sociabilidade. Nas suas diferentes formas é sempre uma afirmação do espírito sobre a natureza, da razão sobre o instinto, do humano sobre o animal. Civilização é humanizar.³

Passemos a considerar as relações entre civilização e humanismo.

¹ FRANCA, Leonel. **A Crise do Mundo Moderno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942. p. 17: “Pelo corpo imersimos num meio físico e sofremos-lhe todas as influências vitais. Pelo espírito emergimos do ambiente sensível, trabalhamos por vencer-lhe as resistências e impor-lhe vitoriosamente as conquistas das idéias.”

² *Idem. Ibidem*: “Os elementos que constituem uma civilização podem, por isto, classificar-se em duas grandes categorias: naturais e culturais. Nos primeiros é mais forte a pressão do determinismo, nos outros mais amplo o domínio da liberdade.”

³ *Idem. Ibidem*. p. 16.

2. Civilização e humanismo

Destarte, o conceito de *civilização* abarca aquelas propriedades que especificam o *gênero humano*. Por isso, civilizar é, antes de tudo, tornar o homem realmente humano. Porém, para torná-lo humano mister é desenvolver-lhe as capacidades espirituais que lhe são inerentes por natureza. De fato, estas capacidades, se conjugadas corretamente, podem tirar o homem do *determinismo material* e fazê-lo alçar voo no concurso da liberdade do espírito. Sendo assim, não são os elementos *raciais* que fazem uma civilização, nem os aspectos *temporal* e *geográfico*, nem quaisquer outros *determinismos biológicos*, mas sim a construção da vida no espírito. Só o homem pode ser civilizado, porque somente ele está aberto à vida no espírito. Ora, o movimento para tornar o homem civilizado, chamamo-lo *cultura*:

O solo e a raça representam a contribuição da natureza; a cultura é obra do homem. Lá o determinismo relativo dos agentes físicos; aqui a espontaneidade criadora do espírito. É realmente à vida espiritual que logo se associa a idéia de cultura.⁴

É por pensar que a formação da civilização se reduz a aspectos naturais que muitos estudiosos enveredaram-se por caminhos inadequados e chegaram a cometer erros nefastos. Eles dividem-se em dois grupos: *materialistas radicais* – que negam que exista no homem algo além da matéria – e *materialistas moderados* que, embora não neguem a *dimensão espiritual* explicitamente, reduzem-na, submetendo-a ao *determinismo do mundo físico*. Estes últimos invertem as coisas! Num erro funesto, defendem que não é o espírito que informa a matéria, mas que é a matéria que emoldura o espírito.⁵

Franca observa que não se trata de negar toda e qualquer influência das condições materiais sobre nós; antes, trata-se de acentuar que, para o espírito, há sempre a possibilidade de, sublimando tais condições, subtrair-se as suas forças assaz avassaladoras. Apenas para assinalar os enganos daqueles que pensam que os fatores naturais são determinantes na formação de uma civilização, citemos alguns exemplos. Se fosse a terra, por exemplo, um fator preponderante na formação de uma civilização, a Inglaterra, que na Idade Média era

⁴ *Idem. Ibidem.* p. 26.

⁵ *Idem. Ibidem.* p. 20: “O homem não sofre passivamente as influências do meio; sobre elas reage, modificando-as e submetendo-as a exigências do seu desenvolvimento. As próprias condições físicas, que começaram por impor-se com a força de quase tirania, acabam dobrando-se ao seu domínio vitorioso.”

fundamentalmente uma *economia rural*, ainda o seria hoje. No entanto, o comércio inglês hoje se destaca pela arte da navegação e por outros meios de produção que quase nada têm a ver com aqueles que eram usados no medievo: “A Inglaterra, que era considerada na idade média um povo predominantemente rural, é hoje uma nação mais comerciante e navegadora”⁶.

Existiram ainda aqueles que vincularam a evolução de uma civilização ao aspecto *racial*. O mais eloquente e monstruoso exemplo deste engano crasso foi o *antisemitismo nazista*. Para os nazistas, somente a *raça ariana* – única verdadeiramente portadora de dotes culturais – era digna do nome de civilização. Ouçamos o Adolfo Hitler – que dispensa apresentações:

Tudo o que de cultura humana nos oferece hoje o mundo, tudo o que produziu a arte, a ciência e a técnica é quase exclusivamente obra criadora do Ariano. Donde se pode concluir que ele foi o fundador da humanidade superior e encarna o arquétipo do homem. Da sua fronte luminosa desprende-se em todos os tempos a centelha divina do gênio.⁷

Os exemplos poderiam suceder-se. Importa, no entanto, destacarmos outro ponto crucial. Quando falamos de cultura ou de homem cultivado, não queremos com isso dizer que, por culto, entendemos somente aquele indivíduo que acumula conhecimentos. A palavra “culto” indica, ademais, uma vida moral consoante a natureza. A respeito disso, exemplifica Franca: “De um criminoso, com o cérebro povoado de noções intelectuais, preferimos dizer que é um homem instruído a chamá-lo de homem culto”⁸.

Passemos enumerar as principais manifestações da cultura.

3. As manifestações culturais

As manifestações da cultura são diversas, mas cumpre especificar do que cuida a cultura enquanto tal. À cultura cabe aprimorar e desenvolver as riquezas do espírito humano. Ela é o sinal incontestável da superioridade e do domínio do homem sobre todo o mundo

⁶ *Idem. Ibidem.* p. 20.

⁷ HITLER, A. **Mein Kampf**. p. 81. In: FRANCA, Leonel. **A Crise do Mundo Moderno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942. nota 16.

⁸ FRANCA. **A Crise do Mundo Moderno**. p. 27.

exterior. Franca franqueia-lhe a epígrafe de “Título de uma incontestável superioridade de natureza”⁹. Todavia, ela não pode manifestar-se senão num ambiente que lhe seja propício. Este deve ser fomentado através das ciências, das leis, dos costumes e da religião que, mais que todas as outras, expressa a abertura do espírito humano para todas as coisas, exprime, afinal, a sua aspiração ao infinito: “A religião, as ciências, as artes, as leis, e os costumes formam a atmosfera quente e luminosa em que as almas encontram alimento, força e vida”¹⁰. Todos estes são meios, são lugares da cultura.

Passemos à análise das relações entre tempo e cultura.

4. Tempo e cultura

A cultura não é apanágio de uma geração apenas. De fato, para a sua formação e consolidação, urge o corroborar do árduo labor de muitas gerações. A cultura é um processo contínuo. Ele pressupõe uma continuidade, uma *transmissão*. A cultura supõe a preservação de uma tradição que patrocine aos indivíduos de todos os tempos a possibilidade de, tomando nota das contribuições dos seus antepassados, sobrepujarem os acres do presente, e edificarem o seu futuro:

A cultura é um patrimônio social, que se foi lentamente constituindo com os esforços árdios de antepassados numerosos; que se regenera e enriquece de contínuo com a colaboração do presente; que se transmite, como herança viva para levar às construções do futuro a contribuição do passado, numa solidariedade indestrutível e benfazeja entre as gerações que se sucedem.¹¹

Ora, como nenhum ser humano esgota as potencialidades da sua espécie, ninguém pode fazer cultura sozinho. Desta sorte, a cultura se mostra, de resto, como um fenômeno eminentemente social, que só pode ocorrer no âmbito social: “A cultura é, pois, um fenômeno eminentemente social e, a este título, parte integrante da civilização”¹².

⁹ *Idem. Ibidem.* p. 28.

¹⁰ *Idem Ibidem.* p. 29.

¹¹ *Idem. Ibidem.*

¹² *Idem. Ibidem.*

Passemos à análise de outros aspectos complementares que compreende o conceito de civilização.

5. A civilização

Importa não se olvidar que a civilização não se esgota na cultura; outros fatores também exercem influência sobre ela e ajudam a constituí-la. No entanto, como já havíamos apontado, o fator cultural é parte integrante e essencial a qualquer civilização, sendo uma das condições precípuas da sua existência e permanência. Destarte, deve a civilização, com todo o seu aparato, ser uma promotora da cultura.¹³

Apenas de relance, enumeremos as outras predicções que, ao lado da cultura, formam uma civilização. Para que haja civilização, é preciso, antes de qualquer coisa, que haja homens que dividam o mesmo espaço geográfico, tendo ou não uma unidade racial. Em uma palavra, é preciso que haja *povo*.¹⁴ Outro aspecto que também está integrado à ideia de civilização é o conceito de *pátria*. A pátria é o solo que nos gerou, é o amor aos homens que nos antecederam no tempo. É a gratidão àqueles que, antanho, contemplando a terra onde ora vivemos, prepararam-na para que nela pudéssemos habitar. O amor à pátria é, pois, o amor à família, ao grande clã, que divide o mesmo espaço e que nutre os mesmos sentimentos de gratidão a antepassados comuns. Portanto, o amor pátrio é um amor à terra que gerou nossos pais; é um respeito ao chão onde agora eles repousam; é uma devoção à terra que também irá gerar os nossos filhos, onde viveram os nossos avós e onde, deveras, um dia os nossos corpos irão jazer.¹⁵

¹³ *Idem. Ibidem.* p. 31: “Entre civilização e cultura vemos a diferença que existe entre o todo e a parte: não opomos as duas idéias, como adequadamente distintas, e, menos ainda, antagônicas. Integramos uma na outra. A cultura representa numa civilização, o elemento específico que lhe traz o esforço do homem, como o desenvolvimento de suas potencialidades e energias naturais.”

¹⁴ *Idem. Ibidem.* p. 35: “A idéia de povo, que lhe é apresentada sem lhe ser de todo equivalente, implica apenas a de uma multidão tão extensa que já se lhe aplica a idéia de família ou de tribo. A sua unidade provem sobretudo da continuidade geográfica do solo, ainda que também a ascendência comum, a filiação na mesma não lhe seja de todo estranha.”

¹⁵ *Idem. Ibidem.* p. 36: “(...) a noção de pátria prende-se imediatamente à de terra, terra pátria, e, por ela, aos ascendentes a quem devemos a vida. Sem o solo natal, sem o contexto geográfico que emoldurou a existência de nossos pais e que eles contemplaram com os seus olhos e aformosearam com os seus trabalhos, não há pátria. (...) Por isto, a gratidão e o devotamento, que devemos ao torrão que nutriu os nossos maiores, refletem e ampliam os sentimentos de família. O amor da pátria é uma forma de ‘piedade filial’.”

A noção de pátria – observe-se bem – não se confunde com a de *nação*, conquanto estejam interligadas intimamente. Uma *nação* é uma *unidade cultural*; uma pátria é uma *unidade geográfica*.

Passemos a considerar o papel do direito e do estado na conservação da cultura

6. O direito e o estado

Fechando este breve parêntese, voltemos ao assunto que nos cerca: a cultura. Dizíamos que, embora a civilização tenha um conceito muito mais amplo para se esgotar no âmbito cultural, a cultura, enquanto faz parte da sua essência, precisa ser por ela defendida e promovida. Agora bem, como pode a civilização fornecer à cultura o incentivo e a defesa que lhe deve? Neste aspecto, teremos que considerar o *conceito de direito*. O direito, cuja função é *integrar* na mesma *unidade* uma *massa social heterogênea*, possibilitando, desta sorte, a condição primordial para o desenvolvimento da cultura, é um veículo indispensável para a manutenção de toda civilização: ele condiciona a convivência pacífica entre os homens: “Nesta cultura da convivência humana, o direito desempenha um papel de protagonista”¹⁶.

Ora, o direito, por sua vez, encontra o lugar propício para o seu exercício no *Estado*. Somente no bojo do escopo estatal, o direito poderá ser exercido em toda a sua eficácia: “No Estado, encontra o direito a forma suprema de sua organização e a condição de sua eficiência plena”¹⁷. O Estado, vale lembrar, é uma *unidade política*, que se distingue da *nação*, mas que a ela não se opõe. De fato, cabe ao Estado promover e zelar pela *nacionalidade*, enquanto promove e vela pelo *patrimônio cultural comum*. Portanto, enquanto uma *nação* é uma *unidade cultural* – unidade em torno de uma *cultura comum* – o Estado é uma *unidade política*, que deve defender os interesses da *nação*.¹⁸

Mas de que é constituído este patrimônio cultural comum do qual o Estado é deputado a ser promotor e votado a ser defensor e que abstratamente chamamos de *nação*? Responde Franca:

¹⁶ *Idem. Ibidem.* p. 43.

¹⁷ *Idem. Ibidem.* p. 35.

¹⁸ *Idem. Ibidem.* p. 38: “O Estado é o termo natural da sua evolução histórica. Nem, por isto, se confundem Nação e Estado. O Estado é sempre uma unidade política, e a nação uma unidade cultural.”

Um patrimônio comum que alimenta a vida do espírito e se concretiza na religião, na literatura, no direito, na língua, nas tradições e nos costumes – eis a forma de espírito, a alma de uma nacionalidade.¹⁹

Destarte, um Estado que não guarde a cultura da nação, é um Estado *disfuncional*. Um Estado que permita a difusão *amorfa* de *seitas religiosas* que assolem a religião daquela determinada cultura, é um estado *anômalo, inócuo, insosso*. Cabe ao Estado *coibir*, controlar e até mesmo *tolher* todas as manifestações que vão de encontro à *cultura nacional*. Por conseguinte, quando o Estado se encontra num estágio de até mesmo promover produções hostis à *cultura nacional*, encontra-se, decerto, num processo avançado de *degeneração*. Eis a missão imperiosa do Estado:

Por sua vez, o Estado, com a eficiência de sua armadura, oferece ao patrimônio cultural de uma nação o amparo de sua tutela e a garantia de sua força estruturada. Seus órgãos de defesa protegem-no contra a infiltração dissolvente de elementos estranhos. A criação de instituições apropriadas facultam-lhe os instrumentos necessários à conservação, propagação e extensão de uma cultura.²⁰

Não somente defender, mas *promover* a cultura comum, eis a missão que é facultada ao Estado. A ele atende o dever de cuidar para que não se perca a identidade da cultura nacional:

Mas se ao Estado pela sua própria natureza, compete a missão jurídica de defender e expandir uma cultura, impõe-se-lhe, outrossim, o dever de respeitá-la nos elementos de sua integridade.²¹

Passemos a analisar os principais fatores da *crise do mundo moderno*.

¹⁹ *Idem. Ibidem.* pp. 36 e 37.

²⁰ *Idem. Ibidem.* pp. 39 e 40.

²¹ *Idem. Ibidem.* p. 40

7. A crise do mundo moderno

Ora bem, a nossa civilização – a *civilização moderna* – é uma civilização *natimorta*. Ela nasceu sob influência da *filosofia moderna* e da *teologia reformada*. O *protestantismo*, uma das raízes de muitos dos nossos males, em sua gênese, é propagador do irracionalismo. Ora, opondo-se à razão, opõe-se à cultura, coluna e sustentáculo de toda civilização. Apenas para exemplificar, eis como Franca descreve comportamento de Lutero, pai da reforma, em relação às universidades, empórios da cultura humana:

As universidades – para Lutero – são “cidadelas do diabo na terra”, “templos de Moloch”, onde se sacrifica o melhor da juventude. O ideal fora destruí-las todas: “desde que o mundo é mundo, não houve instituição mais diabólica nem mais infernal.”²²

Como vimos acima, a civilização é filha da *inteligência*. Ora, quem mais que Lutero e Calvino desprezaram a natureza humana e a vitalidade da razão? A respeito do pensamento de Lutero, diz Franca que, para ele: “A razão tornou-se assim, no homem, o mais terrível inimigo de Deus, ‘atrocissimus Dei hostis’”²³. Continua ainda nosso filósofo:

Nenhum homem maltratou e injuriou com mais furor a razão do que Lutero. Contra a “meretriz do diabo”, sua pena, violenta e descomedida, multiplicou os insultos que um pudor invencível não nos permite transcrever.²⁴

Para os “reformadores”, a natureza humana foi totalmente pervertida pelo *pecado original*. Não resta no homem nada de bom e nobre. Ora, estes mesmos “reformadores” atreveram-se até a desvincular a nossa civilização do seu berço católico; do campo religioso ao campo cultural, para eles tudo é desprezível: os *Concílios* como a *Tradição*, os *costumes* bem como a *cultura*; em suas mãos, nada de digno no homem se salva. De forma aleivosa, aniquilam o natural em nome do sobrenatural. Vejamos como Pe. Franca descreve o tratamento dado por Lutero a um dos pilares da nossa cultura ocidental, Aristóteles:

²² *Idem. Ibidem.* p. 191.

²³ *Idem. Ibidem.* p. 190.

²⁴ *Idem. Ibidem.*

Aristóteles, não passa – para Lutero – de “um comediante que por muito tempo enganou a Igreja com as suas máscaras gregas”, “o mais astuto enganador dos espíritos” “se não fôra de carne, não deveríamos hesitar em ver nele o diabo”.²⁵

Finalmente, conclui Franca a respeito de toda a *teologia protestante*, máxime a luterana: “A teologia luterana é visceralmente irracional (...)”²⁶. Do catolicismo, ao contrário, pode-se dizer, que:

A Igreja católica é a verdade. Um oceano de resplendores banha-lhe o berço. Uma imensa claridade benfazeja segue-lhe a trajetória luminosa no firmamento da história. Filha da luz, ela vive na luz como em seu elemento natural, respira a luz como o oxigênio vivificador de sua existência, esparge a luz como efusão espontânea de sua atividade fecunda.²⁷

Por fim, queremos registrar o instigante e sugestivo paralelo, traçado pelo jesuíta, entre protestantismo e catolicismo, desde o ponto de vista cultural:

A religião católica é a verdade cristã na inteireza da sua unidade indivisível, no esplendor de toda a sua beleza, em toda a eficácia de sua influência civilizadora. A heresia protestante é cristianismo mutilado, degenerado, desarticulado na admirável estrutura de seus dogmas e contaminado na pureza ilibada de sua moral. Princípio de vida, o catolicismo eleva todos os povos. Germe de discórdia e corrupção, o protestantismo trava as sociedades no seu movimento de progresso e civilização cristã. É a consequência espontânea da eficácia natural da verdade e do erro na evolução da humanidade. Aqui como sempre a história põe o selo irrecusável da confirmação dos fatos às conclusões teóricas da filosofia social.²⁸

²⁵ *Idem. Ibidem.* p. 191.

²⁶ *Idem. Ibidem.* (O itálico é nosso).

²⁷ FRANCA, Leonel. **A Igreja, A Reforma e A Civilização**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1958. p. 339.

²⁸ *Idem. Ibidem.* p. 267.

Conclusão

O homem compreende em si dois mundos, ele é o *ponto de intersecção* entre a matéria e o espírito. Pelo seu corpo, está de certa forma preso ao determinismo da causalidade natural; pelo seu espírito, pode sobrepujar as influências da natureza e dos seus próprios instintos, submetendo-os às leis da sua razão, e abrir-se assim a uma nova série causal, marcada pela espontaneidade da ação. Por conseguinte, o que especifica o homem é a sua alma racional. Ora, às obras da razão, chamamo-las *cultura*. A cultura é, pois, o cultivo da vida no espírito, e este cultivo se dá pela *educação*. É a razão, ademais, que torna o homem *sociável* e *político*; por ela somos capazes de, deliberadamente, tornarmo-nos consortes dos nossos semelhantes e encontrarmo-nos, desta feita, inseridos na vida da *civitas*. Tornamo-nos *civis* pela união que logramos com os nossos semelhantes sob o signo da *liberdade*, apanágio de todo ser *racional*. Desta feita, não se pode desvencilhar *civilidade* de *racionalidade*. Agora bem, como a razão é o que distingue o homem d'outros animais, *civilizá-lo* é *humanizá-lo*, no sentido de que se trata de um processo conducente a uma vida consentânea à sua natureza.

Acontece, pois, que a civilização não se esgota na cultura, ela pressupõe outros conceitos, sem os quais a sua persecução não alcança êxito. Por exemplo, para que haja civilização, mister é que haja *povo*, isto é, homens que dividam um espaço em comum. Além disso, importa que este povo seja uma *pátria*, ou seja, homens que nutram amor pela terra que os gerou, onde seus pais viveram e que provê a sua subsistência. Ademais, urge que este povo seja uma *nação*, ou seja, possuam uma *unidade cultural* que os torne vinculados uns aos outros. Ademais, para que haja uma nação, cuida haver ainda uma *tradição*, um *depósito cultural* que seja *transmitido* de geração em geração através da *educação*. Todavia, para que este depósito não se perca, cumpre haver um *estado*, vale dizer, uma *unidade política* que o *conserva* e o *preserve*, inibindo e coibindo tudo o que lhe seja contrário, ao mesmo tempo em que *patrocine* tudo aquilo que o faça crescer harmoniosamente.

Agora bem, dentre as principais manifestações da cultura, está a religião, enquanto uma virtude natural e social, pela qual o homem tributa a Deus um culto que lhe seja devido. Ora, com o advento do *estado laico*, promovido pela *filosofia política moderna*, e do *irracionalismo*, *patrocinado* pelos primeiros *reformadores*, a *cultura* e o seu tutor, o *estado*, esfacelaram-se, tornando-se realidades amorfas que não cumprem mais a sua função. Na visão de Franca, só um novo reconhecimento do catolicismo como grande empório do saber sagrado e profano, pode fazer com que a nossa civilização se safe do caos.

BIBLIOGRAFIA

HITLHER, A. **Mein Kampf**. In: FRANCA, Leonel. **A Crise do Mundo Moderno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942.

FRANCA, Leonel. **A Crise do Mundo Moderno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942.

____. **A Igreja, A Reforma e A Civilização**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1958.